

O texto que se lê de autores nacionais

Camila de Paula Moreira*
Larissa Gonçalves Forster*
Ludmila De Nardi*
Ligia Wey Neves Lima**
Phablo Roberto Marchis Fachin****

RESUMO: Este artigo apresenta amostragem de diferenças encontradas em edições da mesma obra de autores nacionais que levantam dúvidas em relação ao texto de que se valeram as editoras. A diversidade de textos de uma mesma obra provoca a pesquisa da fonte: originais do autor, edição revisada pelo autor, alguma edição alterada por editores, ou ainda acúmulo de erros sobrepostos ao longo da tradição impressa. Limita-se o artigo ao levantamento, pela impossibilidade de avançar nas etapas da pesquisa especializada de cada obra, mas com apoio em bibliografia pertinente, ensaia uma classificação dos problemas encontrados.

palavras-chave: Filologia portuguesa; crítica textual; língua portuguesa; literatura brasileira.

ABSTRACT: This article presents a sample of the differences found in editions from the same literary works written by national writers, which have raised doubts in relation to the original texts used by the publishing houses. The diversity of texts from the same literary work has led us to research the sources: the originals used by the author, editions revised by the author, some editions altered by the editors or even the vast number of errors introduced during the document's printing tradition. The article concentrates on the survey, due to the impossibility of developing a deeper and more specialized research into each literary work. However, with the support of relevant bibliography, it proposes a classification of problems found.

Keywords: Portuguese philology; textual criticism; Portuguese language; Brazilian literature.

* Graduação USP. E-mail: camila.moreira@usp.br, larissagf@ig.com.br, lud_luli@hotmail.com.

** Graduação USP. E-mail: Bolsista Fapesp. E-mail: ligialima@gmail.com.

*** Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo – Bolsista FAPESP. E-mail: phablo@hotmail.com.

1. Introdução

A preocupação com o apuro do texto é antiga, remonta à investigação filológica de Alexandria que organizou e cotejou parte dos testemunhos da tradição manuscrita de diversas obras clássicas. Mas é no século XIX que a escola fundada pelo alemão Karl Lachmann consagra a Crítica Textual como ciência responsável pela recuperação e transmissão do patrimônio de uma cultura através da edição e reconstrução de textos, literário, jurídico, histórico etc. (Spina, 1977). Para demonstrar a amplitude do termo Filologia, Cambraia (2005, p.19) aponta a definição de Crítica Textual, como o estudo meticoloso dos documentos, com vistas à restituição de sua genuinidade.

Na tradição manuscrita medieval, por exemplo, textos com mais de um testemunho podem apresentar alterações pela intervenção do copista durante o processo de transmissão, como a substituição de alguma palavra. Alterações tidas tradicionalmente como *erros* variam numericamente de acordo com as condições materiais, psicológicas e culturais do copista, sendo transmitidas também à tradição impressa (Blecua, 1983).

No caso de textos modernos, em que teoricamente a tradição manuscrita pode limitar-se aos originais do autor, as alterações vão aparecer na tradição impressa. Há edições de *Iracema* de José de Alencar, ditas integrais, que, comparadas com outras, apresentam variantes que põem em dúvida a fidedignidade do texto. Em outros casos, como na segunda edição de *Livro do Desassossego* de Fernando Pessoa, Zenith (2006) reconhece a dificuldade de lidar com os manuscritos do autor e comenta as correções feitas e o procedimento da releitura proporcionado pela retomada dos originais, pelo retorno às fontes, a fim de conferir fidedignidade ao texto, já que reconhece algumas falhas na primeira edição.

A par de informações como essas, assumimos como proposta de trabalho o cotejo de dois testemunhos de uma mesma obra. Buscamos diferenças que tentamos classificar. Autores como Gregório de Matos, José de Alencar e Machado de Assis propiciaram textos que selecionamos para cotejo, sabendo que os problemas são bem diversos. De Gregório de Matos, por exemplo, não se tem, por enquanto, nenhum testemunho que possa ser considerado autógrafa, e a variedade de apógrafos deixa em aberto a hipótese de haver texto a ele atribuído que pode não ser de sua autoria. Se com os outros autores esse fato não ocorre, os problemas esbarram com a possibilidade de o autor ter intervindo em alguma edição, que seja por acaso a última em vida dele.

O *corpus* selecionado permite perceber que os textos disponíveis chegam a apresentar diferenças relevantes e comprometedoras da fidedig-

nidade, a ponto de instalar-se a dúvida de qual seria o original do autor nesta e naquela passagem: o autor escreveu isso ou aquilo? Há obras que poderiam alimentar a hipótese de duas tradições, uma ao lado outra mais curta, ou de outra em que tal trecho ou tais cenas não aparecem. O público leitor, apenas ocasionalmente, toma conhecimento de parte do problema, e a tradição impressa avança intrépida multiplicando edições com problemas sobrepostos.

Apresentam-se os critérios utilizados para a classificação das diferenças, de acordo com Blecua (1983); em seguida, faz-se aplicação desses critérios nas passagens da amostragem dos pontos divergentes entre os testemunhos das obras estudadas, nas edições em questão. Cada uma das categorias está acompanhada de exemplos das obras selecionadas pelos alunos. Segue anexa tabela com o total de ocorrências distribuídas em três colunas: nome da obra e do autor, trecho da edição A e trecho da edição B. Por fim, constam os nomes dos alunos do curso de Filologia Portuguesa que realizaram os trabalhos de cotejo.

2. Critérios de classificação das diferenças encontradas

Em ambas as tradições de uma obra, seja manuscrita, seja impressa, o confronto entre testemunhos é a única forma de constatar se tal texto é, ou não, genuíno. Para tanto, a Crítica Textual tem princípios capazes de restituir ao texto a forma mais próxima da última vontade do autor, senão a própria vontade do autor.

Esse procedimento exige a recensão de todos os testemunhos de determinada obra, ou seja, a sua tradição direta, e outros tipos de texto que estejam relacionados a ela, como traduções, citações, entre outros, isto é, a sua tradição indireta. Após essa etapa, compara-se o que se selecionou diretamente em busca de pontos que apresentam divergências. Nessa altura, já é possível determinar o grau de relação entre eles, verificar como se deu o seu processo de transmissão e qual o caminho a ser percorrido para reconstituir o texto em sua forma genuína. Como diz Cambraia (2005, p. 135), “terminadas a localização e a coleta das fontes, pode-se passar a uma subfase bastante árdua: a da colação (lat. *collatio*), etapa em que se comparam os diversos testemunhos de um texto para se localizarem lugares-críticos”, pontos do texto em que há divergência.

Esse trabalho demanda do crítico metodologia e conhecimento da matéria, associado ao domínio de informações codicológicas, paleográficas,

literárias, históricas e lingüísticas, umas mais outras menos úteis, conforme o caso, mas algumas sempre imprescindíveis. Há edições críticas de determinadas obras que, de tão complexas, levam uma vida para serem concretizadas. Como exemplo, pode-se citar *O Livro de José de Arimatéia*, estudado há muitos anos por pesquisadores de testemunhos de várias línguas e variada procedência e, ainda hoje, sem um texto estabelecido criticamente. A esse respeito, Toledo Neto (2007, p.347) afirma o seguinte:

Tomando-se como possível ponto de referência a edição integral da obra, que data de finais da década de sessenta do século passado, pode-se afirmar que, desde aquela época até hoje, ampliou-se muito a sua compreensão, embora muito ainda haja por fazer diante das variadas questões que se encontram em aberto.

Pelas razões mencionadas, entre os objetivos dos trabalhos que compõem o *corpus* deste artigo, não estava a realização de edições críticas das obras dos autores escolhidos, mas apenas o levantamento de pontos divergentes entre os testemunhos coletados, dois por obra. Tarefa essa denominada *Colaço* pela Crítica Textual.

Em geral, a comparação é feita com base num testemunho considerado mais completo e em melhores condições, chamado *testemunho de colaço* (Cabraia, 2005, p. 135). Seria o que mais se aproximasse do original, de acordo com os conhecimentos do crítico. As divergências encontradas, portanto, são classificadas em relação às formas presentes nesse texto. Tradicionalmente, tudo que difere do testemunho de colaço é considerado *erro*, ou seja, formas não-genuínas incorporadas à obra no seu processo de transmissão.

Por não ter em mãos toda a tradição direta das obras, por não ser possível definir o testemunho de cotejo, este trabalho apresenta tão-somente divergências, sem a preocupação de entrar em seu mérito, pois não haveria possibilidade de distinguir quais delas seriam genuínas.

A busca por variantes se baseou na tipologia proposta por Blecua (1983, p.19-20), para quem os quatro tipos de *erros* possíveis são: por adição (*adiectio*), omissão (*detractatio*), alteração (*transmutatio*) e substituição (*immutatio*). Optou-se pela junção dos dois primeiros para a exposição do *corpus*, pois as diferenças descritas aqui podem ser tanto omissão quanto adição, já que não há o testemunho de cotejo como base para distingui-los.

Os trechos utilizados para exemplificar cada tipo de variante não puderam ser classificados entre significativos e não-significativos como

descrito por Cambraia, pois não seria possível tal análise tendo como base apenas o material disponível. Assim, os trechos foram separados seguindo o critério de mudança de sentido.

(...) é preciso que esse erro seja tão particular e idiossincrático que não possa ter sido cometido simultânea e independentemente por dois copistas. Sua condição de erro não pode ser óbvia, pois, em sendo, os copistas poderiam intervir conjecturalmente e, dependendo da obviedade do erro, poderiam acabar por fazer modificações que resultassem no restabelecimento da própria forma genuína, sem a terem visto. (Cambraia, 2005, p.136)

3. Divergências entre os testemunhos

3.1. Adição e omissão

Segundo Blecua (1983), a adição ocorre quando há o acréscimo ou repetição de letra, sílaba, palavra ou frase. Já a omissão, quando há a supressão desses elementos. A incidência de ambas as variantes está relacionada a fatores do próprio texto, como a proximidade de palavras iguais ou similares, favorecendo acréscimos ou supressões. Fatores externos ligados à atenção também podem influir na ocorrência das variantes, devido ao salto dado no texto pelo copista que o retoma a partir de uma palavra posterior, igual a que acabara de copiar.

Dentre as ocorrências apontadas nos trabalhos pelos alunos do curso de Filologia, há adição ou omissão de letra, palavra, frase, pontuação e acentuação, não se atendo somente às mencionadas por Blecua.

3.1.1. Pontuação

Entre as variantes, o maior número de ocorrências é a de pontuação, cuja adição ou omissão apresentou mudanças significativas em contexto de orações subordinadas adjetivas. De todo modo, representam corrupções em relação ao original.

	Edição A	Edição B
<i>Iracema</i> , José de Alencar	Ergueu ella os olhos e viu entre as folhas da palmeira sua linda jandaia, que batia as azas e arrufava as pennas com o prazer de vel-a.	Ergueu ela os olhos e viu entre as folhas da palmeira sua linda jandaia, que batia as asas, e arrufava as penas com o prazer de vê-la.
“A cada canto um grande conselheiro”, Gregório de Matos	Estupendas usuras nos mercados, / Todos os que não furtam muito pobres: / E eis aqui a cidade da Bahia.	Estupendas usuras nos mercados, / Todos, os que não furtam, muito pobres / E eis aqui a cidade da Bahia.

3.1.2. Acentuação

Há poucos casos de variantes quanto à acentuação. As ocorrências identificadas são referentes à presença ou não de acento circunflexo, grave e agudo, interferindo, neste último caso, expressivamente no sentido da frase.

	Edição A	Edição B
<i>Dom Casmurro</i> , Machado de Assis	- “Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa e a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo”.	- “Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo”.
“A cada canto um grande conselheiro”, Gregório de Matos	Para a levar a Praça, e ao Terreiro.	Para o levar à Praça e ao terreiro

3.1.3. Palavras

A incidência de variantes de palavras pode causar mudança de sentido de acordo com o distanciamento entre o teor semântico das ocorrências.

	Edição A	Edição B
<i>Senhora</i> , José de Alencar	A menina não se importa de chegar até aos duzentos e aposto que se for preciso vai por aí fora, que isso de mulher, o dinheiro faz-lhe cócegas.	A menina não se importa de chegar até aos duzentos mil cruzeiros e aposto que se for preciso vai por aí fora, que isso de mulher, o dinheiro faz-lhe cócegas.
<i>Tracema</i> , José de Alencar	Abriam-se os braços do guerreiro e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente.	Abriam-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente.

3.1.4. Frases

A adição ou omissão de frase ocorre no meio do período ou entre parágrafos, sempre precedido de pontuação.

	Edição A	Edição B
<i>A mão e a luva</i> , Machado de Assis	O silêncio não era completo; no aposento, porém, o unico rumor era dos botins de Estevam na palhinha do chão.	O silêncio não era completo; ouviasse o rodar de carros que passavam fora ; no aposento, porém, o único rumor era dos botins de Estêvão na palhinha do chão.
“Dentes negros e cabelos azuis”, Lima Barreto	Iniciadas na rua, nossas relações se estreitaram dia a dia.	Iniciadas na rua, nos ligeiros encontros dos cafés , as nossas relações se estreitaram dia a dia.

3.2. alteração

O conceito de alteração em crítica textual não se restringe a qualquer tipo de modificação como o nome possa inicialmente sugerir. Segundo Blecia (1983), alteração é uma *inversão*, podendo variar desde a de palavras até aquela de frases ou parágrafos.

3.2.1. Entre ênclise e próclise

Foram observados somente dois casos com esse tipo de inversão. No primeiro, na edição A pode ser observada a utilização do pronome oblíquo átono *a* (próclise na forma *la*) na função de objeto direto de *deixar*; já na edição B, o pronome tem seu equivalente na ênclise. No segundo caso, nota-se o pronome reflexivo *se* como uma ênclise na edição A e como uma próclise na edição B. Ambas as inversões não revelam qualquer interferência no aspecto semântico da sentença ou do texto.

	Edição A	Edição B
<i>Iracema</i> , José de Alencar	O estrangeiro não quer levar consigo a tristeza da terra hospedeira, nem deixá-la no	O estrangeiro não quer levar consigo a tristeza da terra hospedeira, nem a deixar no coração de Iracema!
	Iracema afastara-se opressa e suspirosa.	Iracema se afastara opressa e suspirosa.

3.2.2. Entre palavras

No *corpus*, a inversão entre palavras não causa variação de significado, apenas muda o escopo, como pode ser observado entre as palavras *bebas* e *nelas* nas edições A e B de *Ubirajara*. Em “Um Sansão de caramelo” de Gregório de Matos ocorre situação semelhante: na edição A, a ação recebe maior ênfase, visto que o verbo tomar, *tomou*, antecede o ‘agente’; já na edição B, o ‘agente’, *burro*, antecede a ação.

	Edição A	Edição B
<i>Ubirajara</i> , José de Alencar	Sua boca, que ainda não provaste, Jandira a encherá de amor para que bebas nela seu contentamento.	Sua boca, que ainda não provaste, Jandira a encherá de amor para que nela bebas seu contentamento.
“Um Sansão de caramelo”, Gregório de Matos	tomou de um burro a queixada,	de um burro tomou a queixada,

3.2.3. Alteração dupla

Neste único caso, observa-se o par *Bética* e *aplica*, mantendo a rima. Na edição A, *Bética* está no final do primeiro verso e *aplica* no final do

segundo; na edição B, tem-se o contrário: *aplica* no final do primeiro verso e *Betica* no final do segundo. A questão semântica desse excerto não será explorada neste tópico, visto que, além do par já mencionado, há muitas outras variantes, principalmente de substituição.

	Edição A	Edição B
“Um Sansão de caramelo”, Gregório de Matos	que se torna a ver <i>Betica</i> / e as colunas se lhe aplica,/ que há de lançá-la por terra.	que se se arrima, e aplica/ às colunas de <i>Betica</i> ,/ há de dar com ela em terra.

3.2.4. Alteração mista

Em alguns casos, há simultaneamente alteração e substituição; em outros, alteração e adição.

	Edição A	Edição B
“Um calção de pindoba”, Gregório de Matos	De Paiaia virou-se em Abaeté.	de arecuná se tornou em abaité.
“Um Sansão de caramelo”, Gregório de Matos	não nos bofes da cadeia,	nos bofes, não da cadeia,
<i>Iracema</i> , José de Alencar	Vendo <i>Martim</i> a virgem unida ao seu coração, cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para torná-los a abrir.	<i>Martim</i> , vendo a virgem unida ao seu coração, cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para torná-los a abrir.

3.3. Substituição

O fenômeno nomeado substituição abrange grande parte das diferenças encontradas nas obras escolhidas para análise. Segundo Blecua (1983), trata-se da substituição de letras, sílabas, palavras ou até mesmo frases inteiras – acidental ou propositalmente. Uma das ocorrências mais frequentes é a substituição de uma palavra por um sinônimo. Também bastante comum é a substituição por outra palavra de significado completamente diferente, mas de grafia similar.

Destaca-se o número de diferenças nos poemas de Gregório de Matos, e a gravidade das diferenças entre as edições: nas alterações de frases inteiras, o sentido original dos versos se perde, e em cada versão há uma interpretação completamente diferente da outra – o que compromete o estudo da obra.

3.3.1. Substituição de palavras

3.3.1.1. Sinonímia

Quando uma palavra ou frase é substituída por outra de sentido igual ou semelhante.

	Edição A	Edição B
<i>Ubirajara</i> , José de Alencar	quando começou a dança guerreira que durou até perto da alvorada.	quando começou a dança guerreira que durou até o romper da alvorada.
<i>Iracema</i> , José de Alencar	o mal era sonho e ilusão, que da virgem não possuía senão a imagem.	o mal era sonho e ilusão, que da virgem ele não possuía mais que a imagem.

3.3.1.2. Grafia semelhante¹

Ocorre quando uma palavra é substituída por outra de grafia semelhante. Nesse caso, a mudança no sentido é freqüente, afetando a análise da obra.

	Edição A	Edição B
<i>Iracema</i> , José de Alencar	Era assim que eu brincava, há quantos anos, em outro sítio, não mui distante do seu. Percorra suas páginas para desenfastiar o espírito das coisas graves que o trazem ocupado.	Era assim que eu brincava, há quatro anos, em outro sítio, não muito distante do seu. Percorra suas páginas para desenfastiar o espírito das causas graves que o trazem ocupado.
“Um calção de pindoba a meia porra”, Gregório de Matos	Um calção de pindoba a meia sem mais lei que a do gosto, quando berra,	Um calção de pindoba a meia zorra Sem mais Leis, que as do gosto, quando erra,
<i>Noite da taverna</i> , Álvares de Azevedo	A nós fronteiras queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabelos, essas crianças frias?	A nós fronteiras queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabelos, essas crianças frias!

3.3.1.3. Substituição com adição

Em alguns casos, a substituição ocorrida por grafia semelhante vem acompanhada por adição.

	Edição A	Edição B
“A uns olhos de viu rendido”, Gregório de Matos	Arpão de ouro, arpão vencido:	arpões de outro arpão vencido:

¹ É interessante notar que a maior parte dos exemplos se concentra na substituição por grafia semelhante.

3.3.1.4. Atração de uma palavra igual no mesmo período

Ocorre quando uma palavra é substituída por outra que está no mesmo período – a própria proximidade entre as palavras favorece este tipo de substituição.

	Edição A	Edição B
<i>Dom Casmurro</i> , Machado de Assis	Os amigos que me restam são de data recente; todos os antigos foram estudar a geologia dos campos-santos.	Os amigos que me restam são da data recente; todos os amigos foram estudar a geologia dos campos-santos.

3.3.2. Substituição de frases inteiras

Este tipo de substituição, na realidade, é uma junção de vários outros tipos, acarretando mudanças drásticas na frase. Nos exemplos abaixo, há adição, omissão, alteração e substituição.

	Edição A	Edição B
“Um Sansão de caramelo”, Gregório de Matos	porque afirma cada qual / entre alvoroço, e sussurro, / quem livrou dos pés do burro , / mal morrerá do que se torna a ver Betica, / e as colunas se lhe aplica, / que há de lançá-la por terra.	antes temeu cada qual, / que o Sansão de alcomonia / a lanças matar podia / mais que o outro co queixal. que se se arrima , e aplica / às colunas de Betica, / há de dar com ela em terra.

3.3.3. Sem justificativa gráfica e de sentido

O exemplo abaixo possui substituição sem natureza definida: não há como supor, com base nas definições dadas por Blecua, a razão de tal substituição.

	Edição A	Edição B
“Um calção de pindoba a meia porra”, Gregório de Matos	Alarve sem razão, bruto sem fé,	Animal sem razão, bruto sem fé,

3.3.4. Substituição de pontuação

Trata-se de substituição mais específica do que as anteriores: a de pontuação. Apesar de não ser descrita por Blecua (1983), é interessante observar a abundância de diferentes pontuações em edições da mesma obra, podendo causar divergência na interpretação.

	Edição A	Edição B
<i>Noite da taverna</i> , Álvares de Azevedo	A nós os sonhos do – Blasfêmia! e não crês em mais nada!	A nós os sonhos do espiritualismo! – Blasfêmia – e não crês em mais nada:

4. Conclusão

Na execução dos textos manuscritos, os copistas antigos podiam decifrar mal o original copiado, cometer erros por distração, por cansaço, até por deliberação pessoal, bem como lacunas e lapsos de toda ordem; outras vezes, podiam extrapolar o modelo copiado, inserindo neles passagens por sua conta ou transcritas de outras cópias também defeituosas (Spina, 1977, p.87). O cotejo de duas edições da mesma obra demonstra que problemas semelhantes podem ocorrer também com textos impressos. Diferente dos textos manuscritos, em que a transmissão de tais modificações se dava de forma lenta e gradual, tal qual o processo de cópia, a corrupção da obra impressa é amplamente divulgada em razão de tiragens em série por meio mecânico.

Na nossa literatura, os autores consagrados são reeditados muitas vezes, mas lamentavelmente nem sempre com o devido cuidado. A atitude descomprometida frente ao processo de transmissão dessas obras, constatada neste artigo pela amostragem de diferenças entre os testemunhos, comprova a necessidade de edições críticas, visto que, somente assim, os textos poderão ser reconstituídos em sua forma genuína.

Bibliografia

- BLECUA, A. (1983) *Manual de crítica textual*. Madrid: Castalia.
- CAMBRAIA, C. N. (2005) *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes.
- MADRUGA, E. de F. As modificações operadas no texto de A Bagaceira. In: *II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética: Ecloração do Manuscrito*. São Paulo: FFLCH/USP/CNPq. Sem data.
- SPAGGIARI, B.; PERUGI, M. (2004) *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- SPINA, Segismundo. (1977) *Introdução à edótica*. São Paulo: Cultrix/Edusp.
- TOLEDO NETO, S. de A. (2007) O Livro de José de Arimatéia: comentário sobre questões atuais. *Veredas*, Revista da Associação Internacional de Lusitanistas, 8, p. 347-60.

ANEXO 1: Tabela com as divergências entre os testemunhos. Na primeira coluna, o título da obra e do autor, na segunda e na terceira, os trechos das edições utilizadas.

Adição ou omissão

Pontuação

Titulo da obra/ Autor	Edição A	Edição B
<i>Noite na taverna</i> , Álvares de Azevedo	- Archibald! deveras que é um sonho tudo isso!	- Archibald! deveras , que é um sonho tudo isso!
“Um calção de pindoba a meia porra”, Gregório de Matos	Um calção de pindoba a meia porra ,	Um calção de pindoba a meia zorra
	senão a mãe, a pedra lhe aplicara	Senão a Mãe, que a pedra lhe aplicara ,
	sem mais lei que a do gosto, quando berra,	Sem mais Leis, que as do gosto, quando erra,
	Não sei como acabou, nem em que guerra;	Não sei, onde acabou, ou em que guerra,
	só sei que do Adão de Marapé	Só sei, que deste Adão de Massapé,
“A Mulata”, Melo Moraes Filho	Me assenta o troço de cassa	Me assenta o torço de cassa ,
	E eu posso dizer ufana	E eu posso dizer ufana ,
“Dentes negros e cabelos azuis”, Lima Barreto	Era dos mais velhos o conhecimento que eu mantinha com esse rapaz.	Era dos mais velhos, o conhecimento que eu mantinha com esse rapaz.
“A cada canto um grande conselheiro”, Gregório de Matos	A cada canto um grande conselheiro	A cada canto um grande conselheiro ,
	Que nos quer governar a cabana e vinha;	Que nos quer governar a cabana , e vinha,
	Em cada porta um bem freqüente olheiro	Em cada porta um freqüentado olheiro ,
	Que a vida do vizinho e da vizinha	Que a vida do vizinho, e da vizinha
	Pesquisa, escuta, espreita e esquadrinha ,	Pesquisa, escuta, espreita , e esquadrinha ,
	Para o levar à Praça e ao terreiro	Para o levar a Praça , e ao Terreiro.
	Todos os que não furtam muito pobres:	Todos , os que não furtam, muito pobres,
<i>Iracema</i> , José de Alencar	Uma vez, que a formosa filha de Araken, se lamentava á beira da lagoa da Macejana, uma voz estridente gritou seu nome do alto da carnaúba:	Uma vez que a formosa filha de Araquém, se lamentava à beira da lagoa da Mecejana, uma voz estridente gritou seu nome do alto da carnaúba:
	Ergueu ella os olhos e viu entre as folhas da palmeira sua linda jandaia, que batia as azas e arrufava as pennas com o prazer de vê-la.	Ergueu ela os olhos e viu entre as folhas da palmeira sua linda jandaia, que batia as asas, e arrufava as penas com o prazer de vê-la.
	Alongando faceiro o collo, com o negro bico, alisou-lhe os cabellos e beliscou-lhe a bocca mimosa e vermelha como a pitanga.	Alongando fagueira o colo, com o negro bico alisou-lhe os cabelos e beliscou a boca mimosa e vermelha como a pitanga.
<i>Ubirajara</i> , José de Alencar	Três vèzes cessaram a luta e de novo a travaram.	Três vezes cessaram a luta , e de novo a travaram.
	Mas, afinal , se convenceram de que nenhum derrubaria o outro.	Mas afinal se convenceram que nenhum derrubaria o outro.
	Os anciãos sentados no longo jirau contemplam taciturnos a geração de guerreiros...	Os anciões , sentados no longo jirau, contemplam taciturnos a geração de guerreiros...

“Virgem morta”, Álvares de Azevedo	Lá onde geme a brisa do crepúsculo	E, quando geme a brisa do crepúsculo,
	Vagueie em torno, de saudosas virgens	Vagueie em torno, de saudosas virgens,
	E, entre cânticos de amor e de saudade,	Nos cânticos de amor e de saudade
	No túmulo da virgem derramá-la.	No túmulo da virgem, derramá-la.
	Que importa que ela durma descorada	Que importa que ela durma descorada,
	Quero a delícia que o amor sonhava	Quero a delícia que o amor sonhava,
	Na minha fronte riu de ti, passando,	Na minha fronte riu de ti passando
	Bem cedo, ao menos, eu serei contigo	Bem cedo ao menos eu serei contigo
“Um Sanção de caramelo”, Gregório de Matos	Nas noites junto ao mar e no silêncio,	Nas noites junto ao mar, e no silêncio,
	por firmar-se na estacada	por firmar-se na estacada,
	outros dizem, que era sua:	(que outros dizem que era a sua)
“A uns olhos se viu rendido”, Gregório de Matos	porque afirma cada qual	antes temeu cada qual,
	jura Sansão, brama, e berra,	jura Sansão, brama e berra ”
	“desfez o céu para tinta, ”	“Desfez o Ceo para tinta ”
	arpões de outro arpão vencido:	Arpão de ouro, arpão vencido:
	guiado de seus antolhos	Guiado de seos antolhos,
	puseram de morte cor	Pozerão de morte cor,
	olhos que vencem a Amor	Olhos, que vencem o amor:

Título da obra/ Autor	Edição A	Edição B
<i>Noite na taverna</i> , Álvares de Azevedo	-Estás ébrio, Johann! O ateísmo é a insânia como o idealismo místico de Schelling, o panteísmo de Spinoza o judeu, e o crente de Malebranche nos seus sonhos da visão em Deus. A fronte da mulher pendeu - e sua mão passou na garganta dele. - Um soluço rouco e sufocado ofegou daí.	-Estás ébrio, Johann! O ateísmo é a insânia como o idealismo místico de Schelling, o panteísmo de Spinoza – o judeu, e o histerismo crente de Malebranche nos seus sonhos da visão em Deus. A fronte da mulher pendeu e sua mão pousou na garganta dele. Um soluço rouco e sufocado ofegou daí.
“A Mulata”, Melo Morais Filho	Adeus, meu yôyô, adeus...	- Adeus, meu yôyô, adeus...
<i>Dom Casmurro</i> , Machado de Assis	Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.	- Meu caro Dom Casmurro, não cuide que o dispenso do teatro amanhã; venha e dormirá aqui na cidade; dou-lhe camarote, dou-lhe chá, dou-lhe cama; só não lhe dou moça.
<i>Iracema</i> , José de Alencar	Iracema!... Iracema!...	- Iracema!... Iracema!...

Título da Obra/ Autor	Edição A	Edição B
<i>Iracema</i> , José de Alencar	Meu amigo	Meu amigo.
“Virgem morta”, Álvares de Azevedo	Inda virgem do alento dos amores...	Inda virgem do alento dos amores!...
	Lábio de morte murmurou - É tarde!	Lábio de morte murmurou - É tarde!
	Sentir-me abandonado e moribundo!	Sentir-me abandonado e moribundo! ...
“A uns olhos se viu rendido”, Gregório de Matos	olhos que vencem a Amor	Olhos, que vencem o amor:

Acentuação

Título da obra/ Autor	Edição A	Edição B
<i>Dom Casmurro</i> , Machado de Assis	- Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa e a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.	- Vou para Petrópolis, Dom Casmurro; a casa é a mesma da Renânia; vê se deixas essa caverna do Engenho Novo, e vai lá passar uns quinze dias comigo.
<i>A mão e a luva</i> , Machado de Assis	O silêncio não era completo; no aposento, porém, o único rumor era dos botins de Estevam na palhinha do chão.	O silêncio não era completo; ouvia-se o rodar de carros que passavam fora; no aposento, porém, o único rumor era dos botins de Estêvão na palhinha do chão.
"A cada canto um grande conselheiro", Gregório de Matos	Para a levar a Praça, e ao Terreiro.	Para o levar à Praça e ao terreiro
<i>Ubirajara</i> , José de Alencar	Minha fama corre as tabas e tu já deves conhecer...	Minha fama corre às tabas e tu já deves conhecer...
<i>A mão e a luva</i> , Machado de Assis	O silêncio não era completo; no aposento, porém, o único rumor era dos botins de Estevam na palhinha do chão.	O silêncio não era completo; ouvia-se o rodar de carros que passavam fora; no aposento, porém, o único rumor era dos botins de Estêvão na palhinha do chão.

Frases

Título da Obra/ Autor	Edição A	Edição B
<i>A mão e a luva</i> , Machado de Assis	O silêncio não era completo; no aposento, porém, o único rumor era dos botins de Estevam na palhinha do chão.	O silêncio não era completo; ouvia-se o rodar de carros que passavam fora; no aposento, porém, o único rumor era dos botins de Estêvão na palhinha do chão.
"Dentes negros e cabelos azuis", Lima Barreto	Iniciadas na rua, as nossas relações se estreitaram dia a dia.	Iniciadas na rua, nos ligeiros encontros dos cafés , as nossas relações se estreitaram dia a dia.
<i>Iracema</i> , José de Alencar	Martim lho arrebatou das mãos, e libou as gotas do verde e amargo licor.	Martim lho arrebatou das mãos, e libou as poucas gotas do verde e amargo licor. Não tardou que a rede recebesse seu corpo desfalecido.
	Quando veio pela manhã, ainda achou Iracema ali debruçada, qual borboleta que dormiu no seio do formoso cacto. Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores; e como entre os arrebóis da manhã cintila o primeiro raio de sol, em suas faces incendidas rutilavam o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruído amor. A jandaia fugira ao romper d'alva e para não tornar mais à cabana. Vendo Martim a virgem unida ao seu coração, cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para torná-los a abrir.	Quando veio pela manhã, ainda achou Iracema ali debruçada, qual borboleta que dormiu no seio do formoso cacto. Em seu lindo semblante acendia o pejo vivos rubores; e como entre os arrebóis da manhã cintila o primeiro raio de sol, em suas faces incendidas rutilavam o primeiro sorriso da esposa, aurora de fruído amor. Martim, vendo a virgem unida ao seu coração, cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para torná-los a abrir.

Palavra

Título da obra/ Autor	Edição A	Edição B
"Um calção de pindoba a meia porra", Gregório de Matos	Furado o beijo, sem temor que morra,	Furado o beijo, e sem temor que morra,
	senão a mãe, a pedra lhe aplicara	Senão a Mãe, que a pedra lhe aplicara,
"Virgem morta", Álvares de Azevedo	Mais poesia do arrebol transpira;	E mais poesia o arrebol transpira...
"Um Sanção de caramelo", Gregório de Matos	outros dizem, que era sua:	(que outros dizem que era a sua)
	que há de lançá-la por terra.	há de dar com ela em terra.
	ali o cabelo lhe dão,	se o cabelo ali lhe dão,
<i>Dom Casimiro</i> , Machado de Assis	Pois é coisa de lágrimas?	Pois isto é cousa de lágrimas?
<i>Iracema</i> , José de Alencar	A jandaia, abrindo as asas, esvoaçou-lhe em tomo e pousou no ombro.	A jandaia, abrindo as azas, esvoaçou-lhe em tomo e pousou-lhe no hombro.
	Alongando fagueira o colo, com o negro bico alisou-lhe os cabelos e beliscou a boca mimosa e vermelha como a pitanga.	Alongando faceiro o collo, com o negro bico, alisou-lhe os cabellos e beliscou-lhe a bocca mimosa e vermelha como a pitanga.
<i>Ubirajara</i> , José de Alencar	Mas afinal se convenceram que nenhum derrubaria o outro.	Mas, afinal, se convenceram de que nenhum derrubaria o outro.
<i>Iracema</i> , José de Alencar	Este livro vai naturalmente encontrá-lo no seu pitoresco sítio da várzea, no doce lar, que povoa a numerosa prole, alegria e esperança do casal.	Este livro o vai naturalmente encontrar em seu pitoresco sítio da várzea, no doce lar, a que povoa a numerosa prole, alegria e esperança do casal.
"A cada canto um grande conselheiro", Gregório de Matos	Em cada porta um freqüentado olheiro,	Em cada porta um bem freqüente olheiro
<i>Senhora</i> , José de Alencar	- Não se recusam cem contos de réis, pensava ele, sem razão sólida, uma razão prática.	- Não se recusam cem mil cruzeiros, pensava êle, sem uma razão sólida, uma razão prática.
	A menina não se importa de chegar até aos duzentos e aposto que se for preciso vai por aí fora, que isso de mulher, o dinheiro faz-lhe cócegas.	A menina não se importa de chegar até aos duzentos mil cruzeiros e aposto que se for preciso vai por aí fora, que isso de mulher, o dinheiro faz-lhe cócegas.
<i>Iracema</i> , José de Alencar	Martim lho arrebatou das mãos, e libou as gotas do verde e amargo licor.	Martim lho arrebatou das mãos, e libou as poucas gotas do verde e amargo licor.
	Abriam-se os braços do guerreiro adormecido e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente.	Abriam-se os braços do guerreiro e seus lábios; o nome da virgem ressoou docemente.
<i>Noite na taverna</i> , Álvares de Azevedo	Os copos caíram na mesa.	Os copos caíram vazios na mesa.
	-Estás ébrio, Johann! O ateísmo é a insânia como o idealismo místico de Schelling, o panteísmo de Spinoza o judeu, e o crente de Malebranche nos seus sonhos da visão em Deus.	-Estás ébrio, Johann! O ateísmo é a insânia como o idealismo místico de Schelling, o panteísmo de Spinoza – o judeu, e o histerismo crente de Malebranche no seus sonhos da visão em Deus.

Alteração

Título da obra/ Autor	Edição A	Edição B
<i>Iracema</i> , José de Alencar	O estrangeiro não quer levar consigo a tristeza da terra hospedeira, nem deixá-la no	O estrangeiro não quer levar consigo a tristeza da terra hospedeira, nem a deixar no coração de Iracema!
	Iracema afastara-se opressa e suspirosa.	Iracema se afastara opressa e suspirosa.
	Vendo Martim a virgem unida ao seu coração, cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para torná-los a abrir.	Martim, vendo a virgem unida ao seu coração, cuidou que o sonho continuava; cerrou os olhos para torná-los a abrir.
“Um Sansão de caramelo”, Gregório de Matos	Não nos bofes da cadeia,	Nos bofes, não da cadeia,
	que se torna a ver Betica/ e as colunas se lhe aplica,/ que há de lançá-la por terra.	que se se arrima, e aplica/ às colunas de Betica,/ há de dar com ela em terra.
<i>Ubirajara</i> , José de Alencar	tomou de um burro a queixada,	de um burro tomou a queixada,
	Sua boca, que ainda não provaste, Jandira a encherá de amor para que bebas nela seu contentamento.	Sua boca, que ainda não provaste, Jandira a encherá de amor para que nela bebas seu contentamento.
“Um calção de pindoba”, Gregório de Matos	De Paiaíá virou-se em Abaeté.	de arecuná se tomou em abaité.

Substituição – Pontuação

Titulo da obra/ Autor	Edição A	Edição B
<i>Noite da Taverna</i> , Álvares de Azevedo	A nós fronteiras queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabelos, essas crenças	A nós fronteiras queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabelos, essas crianças frias!
	A nós os sonhos do espiritualismo .	A nós os sonhos do espiritualismo!
	- Blasfêmia! e não crês em mais nada!	- Blasfêmia – e não crês em mais nada:
	o filho das coxas de um deus e do amor de uma	o filho das coxas de um deus e do amor de uma mulher,
	e que nós chamamos melhor pelo seu nome –	e que nós chamamos melhor pelo seu nome – o vinho.
	Abaixou-se junto dele, depôs a lâmpada no chão.	Abaixou-se junto dele: depôs a lâmpada no chão.
	Tremia; e ao segurar na lanterna ressoou-lhe na mão um ferro...	Tremia, e ao segurar na lanterna ressoou-lhe na mão um ferro...
Viu que tinha as mãos vermelhas, enxugou-as nos longos cabelos de Johann...	Viu que tinha as mãos vermelhas – enxugou-as nos longos cabelos de Johann...	
“Um calção de pindoba a meia porra”, Gregório de Matos	Não sei como acabou, nem em que guerra;	Não sei, onde acabou, ou em que guerra,
	Onde na praia em flor o mar suspira...	Onde na praia em flor o mar suspira,
	E mais poesia o arrebol transpira...	Mais poesia do arrebol transpira;
	Errando à noite, a lamentosa turma...	Errando à noite, a lamentosa turma;
	E de amorosos prantos perfumá-la...	E de amorosos prantos perfumá-la,
	Desbotada coroa do	Desbotada coroa do poeta,
	Foi ela mesma quem prende-te flores!	Foi ela mesma quem prende-te flores...
	Inda virgem do alento dos amores!...	Inda virgem do alento dos amores...
	Ah! que tudo passou!... só resta agora	Ah! que tudo passou! – só tenho agora
	Com ela sonharei eternamente...	Com ela sonharei eternamente,
<i>Virgem morta</i> , Álvares de Azevedo	Lábio de morte murmurou: – É tarde!	Lábio de morte murmurou – É tarde!
	Sentir-me abandonado e moribundo!? ...	Sentir-me abandonado e moribundo!
	Das minhas noites a visão perdida...	Das minhas noites a visão perdida!
	E quando a mágoa devorar meu peito...	E quando a mágoa devorar meu peito,
	E quando eu morra de esperar por ela...	E quando eu morra de esperar por ela,
	Quaes muitas brancas	Quaes muitas brancas não são!
	Tenho requebros mais	Tenho requebros mais bellos;
Demoro os olhares	Demoro os olhares meus;	
Que tentação... que maldicta...	Mas, se murmuram: “maldita!	
Sei encontre-o no amor.	Sei encontre-o no amor;	

Substituição – Palavras

Título da obra/ Autor	Edição A	Edição B
<i>Noite da taverna</i> , Álvares de Azevedo	A nós fronteiras queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabelos, essas crenças	A nós fronteiras queimadas pelo mormaço do sol da vida, a nós sobre cuja cabeça a velhice regelou os cabelos, essas crianças frias!
	E pois ergamo-nos, nós que amarelecemos nas noites desbotadas de estudo insano, e vimos que a ciência é falsa e esquiva, que ela mente e embriaga como um beijo	E pois ergamo-nos, nós que amanhecemos nas noites desbotadas de estudo insano, e vimos que a ciência é falsa e esquiva, que ela mente e embriaga como um beijo de mulher.
	– Quero que todos se levantem, e com a cabeça descoberta clamem : Ao deus Pã da natureza, àquele que a antiguidade chamou Baco – o filho das coxas de um deus e	– Quero que todos se levantem, e com a cabeça descoberta digam-no : Ao Deus Pan da natureza, àquele que a antiguidade chamou Baco o filho das coxas de um deus e do amor de uma mulher,
	A frente da mulher pendeu e sua mão pousou na garganta dele.	A frente da mulher pendeu – e sua mão passou na garganta dele.
“Um calção de pindoba a meia porra”, Gregório de Matos	Um calção de pindoba a meia porra ,	Um calção de pindoba a meia zorra
	o pai, que lho envazou com ũa titara,	O pai, que lho envazou cuma titara,
	Alarve sem razão, bruto	Animal sem razão, bruto sem fé ,
	sem mais lei que a do gosto, quando berra ,	Sem mais Leis, que as do gosto, quando erra ,
	de arecuná se tomou em abaité .	De Paiaiaí virou-se em Abaeté .
	Não sei como acabou, nem em que guerra; só sei que do Adão de Marapé	Não sei, onde acabou, ou em que guerra, Só sei, que deste Adão de Massapé ,
<i>Virgem morta</i> , Álvares de Azevedo	Lá onde geme a brisa do crepúsculo	E, quando geme a brisa do crepúsculo,
	Deitem o corpo da beleza morta.	Manso repousem a beleza morta.
	E, entre cânticos de amor e de saudade,	Nos cânticos de amor e de saudade
“A Mulata”, Melo Morais Filho	Que tentação... que – Ai! mulata! ai! borboleta! / É tua sina	Mas, se murmuram : maldita! Minh’alma é qual borboleta, / Que vôa e vôa inquieta
	Tu pousas de floôr em flôr.	Pousando de flor em flor.
<i>Ubirajara</i> , José de Alencar	Os veados saltam das moitas de ubaia e vêm retouçar na grama,	Ora veados saltam das moitas de ubaia e vêm retouçar na grama, zombando do caçador.
	quando começou a dança guerreira que durou até perto da alvorada.	quando começou a dança guerreira que durou até o romper da alvorada.
	A virgem araguaia acreditava ter dormido a última noite na cabana paterna ,	A virgem tocantim acreditava ter dormido a última noite na cabana paterna ,
	Arpão de ouro, arpão Cego, turbado, e corrido ,	arpões de outro arpão vencido: cego, turbado, e sentido ,

ANEXO 2: Tabela com nomes dos alunos do curso de Filologia Portuguesa que realizaram o trabalho de cotejo entre os testemunhos da mesma obra. Na primeira coluna, seguem os nomes; na segunda o título da obra e do autor; nas terceira e quarta, localização, editora, ano e página do trecho selecionado.

Alunos	Título da obra	Edição A	Edição B
Camila de Paula Moreira	A mão e a luva, Machado de Assis	Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jacson Inc. Editores, 1946, p. 13	São Paulo: Editora Ática, 1981, p.12
Camila Pinheiro da Cruz	<i>Iracema</i> , José de Alencar	Rio de Janeiro: Livraria Antunes, 1932, p. 76-77	Barcelona: Editorial Sol 90, 2004, p. 80-81
Caroline Florencio da Silva	<i>Senhora</i> , José de Alencar	Sem localização: Moderna, 1983	Sem localização: Melhoramentos, Sem data
Dalila Gonçalves Luiz	“Um Sação de caramelo”, Gregório de Matos	Sem localização: Record, 1990	Sem localização: Global, 2000
Daniele Gomes Santos	<i>Dom Casmurro</i> , Machado de Assis	São Paulo: Círculo do Livro, Sem data	São Paulo: Klick, 1997
Elen Pereira Gomes	“Dentes negros e cabelos azuis”, Lima Barreto	<i>Histórias e Sonhos</i> . São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 222	<i>Contos Reunidos</i> . Belo Horizonte: Crisálida, 2005, p. 345
Evelise Mateos Nicoletti	<i>Iracema</i> , José de Alencar	São Paulo: Editora Ática, 1989	São Paulo: Ciranda Cultural, 2006
Gabriel Madeira Fernandes	“A cada canto um grande conselheiro”, Gregório de Matos	<i>Gregório de Matos: obra poética</i> . Rio de Janeiro: Record, 1990, p. 33	<i>Poemas Escolhidos</i> . São Paulo: Círculo do Livro, Sem data, p. 31
Ileana Celeste Fernández Franzoso	“A uns olhos se viu rendido”, Gregório de Matos	<i>Obras de Gregório de Matos, II – Lyrica</i> . Publicações da Academia Brasileira, Typographia do Anuario do Brasil, 1923	<i>Melhores Poemas / Gregório de Matos</i> . São Paulo: Global Editora, 2000
Ludmila De Nardi	“Um calção de pindoba a meia porra” de Gregório de Matos	<i>Gregório de Matos – Literatura Comentada</i> . São Paulo: Abril Educação, 1981	<i>Os melhores poemas de Gregório de Matos</i> . Global, 2001
Ludmila Rodrigues Silva	<i>Ubirajara</i> , José de Alencar	Porto Alegre: L&PM Pocket, 2001	São Paulo: Edições Melhoramentos, 1958
Michele Kaori Yogui	“Virgem morta”, Álvares de Azevedo	<i>Lira dos Vinte Anos</i> . São Paulo: Martins Fontes, 1996	<i>Álvares de Azevedo: Poesias Completas</i> . Campinas: Editora da Unicamp, 2002
Paula Souza Dias Nogueira	<i>Iracema</i> , José de Alencar	São Paulo: Editora Moderna, 1984	Sem localização: Melhoramentos, Sem data
Renata Fevereiro Berenguer	<i>Noite na taverna</i> , Álvares de Azevedo	Editora Francisco Alves, 1988, p. 63-64,132	Princípio, 1994, p. 10-12, 90
Sandra Ramos Casemiro	“A Mulata”, Melo Morais Filho	<i>Mythos e poemas</i> . Rio de Janeiro: Typographia de G. Leuzinger & Filhos, 1884, p. 85-89	<i>Cantos do Equador</i> . Rio de Janeiro: H. Garnier, 1900, p. 71-74